

Júlio Diniz
(*Poesia Sempre*)

A sensação imediata que a leitura de *Aura*, do poeta paulista Renato Rezende, nos provoca é a de um contra-sopro de vitalidade no panorama de uma poesia contemporânea concebida em boa parte como exercício teórico-conceitual-reflexivo de questões clichêizadas em nome de uma pseudo-multiplicidade pós-moderna. Na margem outra de uma "poética da atualidade", Rezende busca uma "poética da agoridade", na contramão do sujeito dessubstancializado no cenário de apropriações e simulacros e cinismos e desencantos, o poeta relê ressematizando a aura como o andarilho urbano diante do gesto de enunciar na superfície suspensa das palavras o fazer poético como constructo discursivo dos materiais da vida e do cotidiano.

Aura apresenta-se como um uno irremediavelmente cindido numa perspectiva de complementaridade. Podemos observar através da própria estrutura do livro—divido em duas partes—a ausência ou *falta* (talvez seja este o conceito mais próprio) como afirmação de potência do poeta-andarilho diante de emoções, situações, personagens e cenários dispersos e fragmentados. Vontade de tocar com leveza e secura o imaginário do sujeito diante da viagem, do deslocamento das experiências sociais e culturais para o reprocessamento poético, duplo e uno, imagens divergentes numa perspectiva convergente, morte e vida, o outro e o mesmo, o espelho e o eu.

Por um segundo, nos olhos do outro
vejo o reflexo do meu próprio susto,

e o espelho do meu verdadeiro rosto.

(O Outro)

Mas, e eu ? No meio do caminho,
entre

o pó e o êxtase, os pés e as asas.

(Águas Além da Mente)

Deito-me dentro de mim mesmo

E espero.

(Espera)

O movimento pendular que caracteriza a sua poética faz com que o universal e o particular, o etéreo e o cotidiano, a coisa e a palavra se entrecruzem na tensão entre passar e ficar. Ao lado de referências ao dia-a-dia, Rezende abre as asas do imaginário como máquina de construção aurática, dimensionando o demasiado humano como experiência estética conceitual—o poema.

Esvaziar-me

e tornar-me nada.

Viver da mesma maneira, a mesma
coisa,

em barracas ou palácios.

Ter o corpo oco, depois de cada
encontro

e durante cada ato
não pensar em nada, não levar nada
para casa
não sentir nem desejo nem raiva.
Que não existe algo chamado Renato.

Nunca fazer nada.

Que Renato seja uma máscara
vazia - mas este espaço
não seja ausência, mas luminosidade.
A coisa mais pura e clara.

(Eu)

O poeta erra por cidades construindo a sua viagem lírica. Todos os textos são acompanhados do local e data em que foram escritos, de Salamanca em 1988 a New York em 96, passando por Cambridge, Boston, Roma, Turim, Bombaim, Recife, São Paulo. Na exata medida em que espaço e tempo são precisados, ele, paradoxalmente, os indetermina, transformando-os em matéria amalgamada ao sujeito amador.

O poeta-errante diante do cotidiano das cidades e suas gentes (mendiga de perna amputada, pessoas que parecem os pimentões que comem, pássaros, lixo, gato morto, as copas das árvores das alamedas de Granada) capta com o olhar (do) estrangeiro a intimidade estranha de formas, cores, falas, atos. O estrangeiro-andarilho que nunca é do lugar onde

está, que nunca está no lugar onde pode ser, que sempre possui como imagem auto-construída a delicadeza e a perversidade dos seres alados, criatura desterritorizada de si própria, a devolver os sentidos para as paisagens banalizadas pelo vazio e pela falta, marcas da experiência humana.

Chove friamente

na cidade.

O anjo com as asas encharcadas

caminha a esmo,

deprimido.

Falta-lhe algo!

O anjo se masturba

depois escuta Mozart,

esquecido.

(Nas Cidades)

Somos os anjos decaídos

e se faz noite sobre a Terra.

(Sobre a Terra)

Aura é um livro construído na clave da representação do discurso poético diante da materialidade do comum, poesia que se quer encapsulada de amor, corpo amoroso que se quer capturado pela poesia. Busca do ponto

de fuga de uma escritura tão mais distante quanto visceral.

Aqui ficará a mesa,
e nessa gaveta
os novos poemas que escreverei;
aqui a vitrola
e os discos;
ali os livros,
a cama, a cadeira, a roupa,
a máquina de escrever.
Aqui (por quanto tempo ?)
passará minha vida.

(O Quarto)

Os olhos do estrangeiro-andarilho rondando o mundo que só se revela como paisagem: cidades, mares, jardins, boca, cara, cotovelo, seio. O desejo da *coisa mais pura e clara* transformado em falta que movimenta a máquina poética de Renato Rezende, benjaminianamente retificada em suas engrenagens, a máquina-aurática.